

APRENDENDO A SER PROFESSORA: TRAJETÓRIA DE VIDA E DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LEARNING TO BE A TEACHER: LIFE AND FORMATION TRAJECTORIES IN PHYSICAL EDUCATION

Pamela Nunes Bueno **1**
Viviane Preichardt Duek **2**

Resumo: Este relato de experiência tematiza a história de vida de uma graduanda de Educação Física de uma universidade pública localizada em Florianópolis/SC. Teve como objetivo refletir sobre os momentos da trajetória de vida e de formação considerados significativos para a sua prática pedagógica na Educação Infantil, bem como evidenciar os sentidos e as contribuições da formação inicial no seu processo de tornar-se professora. Através da narrativa escrita, verificou-se que experiências ao longo da sua escolarização, bem como nos esportes influenciaram a escolha profissional. Experiências enquanto acadêmica e de prática pedagógica, demonstraram como os estágios curriculares foram determinantes na sua constituição profissional, valorizando as trocas e o apoio dos pares. Conclui-se que, da condição de atleta à condição de (quase!) professora de Educação Física, o desejo pela docência na Educação Infantil surge da fusão de aprendizagens ocorridas no decorrer da trajetória de vida e de formação da acadêmica.

Palavras-chave: Formação Inicial. Educação Infantil. Educação Física. História de Vida. Narrativa.

Abstract: This experience report focuses on the life story of a Physical Education undergraduate student at a public university located in Florianópolis/SC. The objective was to reflect on the moments of life and formation trajectories considered significant for their pedagogical practice in Early Childhood Education, as well as to highlight the meanings and contributions of initial training in their process of becoming a teacher. Through the written narrative, it was found that experiences throughout her schooling, as well as in sports influenced the professional choice. Experiences as an academic and pedagogical practice, demonstrated how curricular internships were decisive in their professional constitution, valuing exchanges and peer support. It is concluded that, from the condition of athlete to the condition of (almost!) Teacher of Physical Education, the desire for teaching in Early Childhood arises from the fusion of learning that occurred during the trajectory of life and academic formation.

Keywords: Initial Training. Child Education. Physical Education. Life's History. Narrative.

Licenciada em Educação Física pela Universidade do Estado de **1**
Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3004860173215253>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4589-0145>.
E-mail: pamela.nunesbueno@gmail.com

Professora Adjunta do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte da **2**
Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9200347969118812>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0774-7495>.
E-mail: vividuek@hotmail.com

Introdução

A discussão sobre os processos de formação e profissionalização docente assume lugar de destaque nos estudos e nas pesquisas educacionais da atualidade, além de estar presente nos documentos da política educacional. As propostas de profissionalização da docência, oriundas das reformas educacionais nos anos 80, surgem com a intenção de contribuir para o desenvolvimento didático e pedagógico dos professores e elevar a qualidade do ensino (NÚÑEZ; RAMALHO, 2008).

De acordo com Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), a profissionalização envolve duas dimensões complementares e relacionadas entre si, sendo uma interna (profissionalidade) e a outra externa (profissionalismo). A *profissionalidade* é relativa ao conhecimento, aos saberes, técnicas e competências necessárias à atividade profissional, enquanto o *profissionalismo* liga-se a fatores tais como remuneração, *status* social, autonomia intelectual, serviços, compromisso/obrigação, vocação, ética, crítica social, democracia, coletividade, etc.

Reflexões sobre a profissionalização da docência apontam a necessidade de revisão dos processos de formação de professores, a partir da ótica de que o exercício da profissão exige do professor a mobilização, construção e revisão de uma base de conhecimento que é própria ao ensino, elevando os professores à categoria de profissionais e a docência ao *status* de profissão (NÚÑEZ; RAMALHO, 2008; TARDIF, 2002).

Nesse cenário, surgem debates em torno dos saberes docentes, da identidade, do percurso profissional, da profissionalização, entre outros, com destaque para as pesquisas que estudam a formação inicial e continuada e para o trabalho com a autobiografia ou narrativas de professores em exercício, em final de carreira ou em formação (SOUZA, 2011).

No tocante à área da Educação Física, estudos que abordam e tematizam as histórias de vida se mostram relevantes no contexto investigativo da formação e do desenvolvimento profissional de professores (SILVA et. al., 2018; WITTIZORECKI et. al, 2006). Apesar do crescente número de investigações que empregam narrativas de docentes ou discentes para discussão de problemáticas como formação, identidade e aprendizagem da docência (FIGUEIREDO; PLOTTEGHER; ALVES, 2019; MOLINA; MOLINA NETO, 2012; SANTOS et. al, 2009; WITTIZORECKI et. al, 2006), pesquisas que utilizam a narrativa, enfocando as experiências e as memórias de professores e futuros professores de Educação Física no contexto da Educação Infantil ainda são insipientes (GONÇALVES; RICHTER; BASSANI, 2017; MELLO et. al., 2014; RODRIGUES; FIGUEIREDO, 2011).

Além disso, tais estudos sobre as trajetórias de formação de professores de Educação Física e sua inserção em instituições de Educação Infantil apontam os dilemas referentes à legitimidade da área nesta etapa educacional e suas implicações para os processos de construção e reconstrução das identidades docentes, o que ressalta a importância de investigações preocupadas em compreender os processos de formação e profissionalização docente, por meio da análise das experiências e dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, da formação inicial e/ou continuada e do exercício profissional.

Assim sendo, este relato de experiência tematiza a história de vida de uma acadêmica concluinte do curso de Licenciatura em Educação Física de uma universidade pública de Santa Catarina, no tocante à preparação para a docência na Educação Infantil. A história de vida enquanto um relato oral ou escrito, recolhido por meio de entrevista ou diários pessoais, busca compreender uma trajetória de vida ou fragmentos dela, permitindo retratar e/ou reconstituir momentos históricos que marcaram a vida dos sujeitos de forma contextualizada (SOUZA, 2006).

Como procedimento para produção das informações, foi utilizada a narrativa escrita, justificada por possibilitar ao docente em exercício e/ou em formação reconstruir e dar sentido às suas experiências de modo reflexivo, colaborando para a compreensão da própria prática, de modo que, ao escrever sobre a sua trajetória de vida ele se coloca como sujeito de sua própria história. Além disso, a narrativa escrita promove um reencontro do professor com suas memórias, suas experiências e com sua própria fala, podendo atribuir um significado diferente aos fatos narrados de forma oral, já que tem a possibilidade de pensar sobre o que é dito, sendo, ao mesmo tempo procedimento de pesquisa e de formação (SILVA; DIEHL; MOLINA NETO,

2010).

Dessa forma, o emprego da narrativa escrita focalizou a história de vida, com destaque para os eventos, sentimentos, ideias e experiências que a acadêmica selecionou como os mais significativos, vivenciados antes e ao longo da formação inicial, incluindo o processo de escolarização, a escolha profissional, o ingresso no curso e a prática pedagógica realizada no contexto dos estágios obrigatórios e não obrigatórios. Vale dizer, que a narrativa escrita pela acadêmica (primeira autora) foi ganhando forma e sendo aprofundada entre os meses de janeiro e agosto de 2020, com o auxílio da professora orientadora (segunda autora).

Dado isso, no presente relato são abordados elementos da história de vida de uma acadêmica concluinte de um curso de Licenciatura em Educação Física, com o objetivo de refletir sobre os momentos e as experiências que marcaram a sua trajetória de vida e de formação, no tocante à preparação para a docência na Educação Infantil, bem como evidenciar os sentidos e as contribuições da formação inicial no seu processo de tornar-se professora.

Educação física: memórias e experiências de uma (quase!) professora

Nesse momento, são apresentadas as reflexões construídas a partir da narrativa de uma licencianda em Educação Física que, nesta investigação¹, assume, ao mesmo tempo, o papel de protagonista e de pesquisadora da própria história de vida. Ao refletir sobre a autobiografia da acadêmica, procurou-se dialogar com os elementos presentes na sua narrativa, dando visibilidade ao que é singular da sua história de vida, contextualizando com aspectos mais amplos da formação e da docência em Educação Física na Educação Infantil. Corrobora-se, assim, com a ideia de que embora cada história de vida apresente uma perspectiva individual, ela contempla múltiplas dimensões, englobando aspectos mais amplos da sociedade em que o sujeito está inserido, sendo marcada por valores sociais e culturais, bem como seu contexto histórico e econômico (ROCHA; REIS, 2020).

Para tanto, são considerados dois eixos temáticos, organizados a partir da leitura e análise da narrativa. “*A descoberta da Educação Física como profissão*” que compreende as experiências enquanto aluna, assim como a opção e o ingresso no ensino superior e “*Aprendendo a ser professora*”, referentes às experiências enquanto acadêmica e de prática pedagógica, demonstrando como o estágio realizado no contexto da Educação Infantil, foi determinante na sua constituição profissional. Por fim, constam breves apontamentos finais, destacando aspectos vistos como relevantes de serem debatidos no contexto da formação inicial, buscando perceber a interligação entre elementos da história de vida com a história dos processos formativos em geral.

A descoberta da Educação Física como profissão

Ao dedicar-me à escrita dessa narrativa, percebi que assim como muitos estudantes e professores de Educação Física (VIEIRA, 2007), a motivação para ingressar no curso partiu da minha experiência pregressa como atleta, e por sempre estar muito envolvida com o esporte, sobretudo, o futebol. A minha infância foi marcada pelos jogos de futebol na rua da comunidade em que eu morava. E isso se tornou cada vez mais frequente no Ensino Fundamental, onde a disciplina mais esperada da semana era a de Educação Física, e os jogos interativos entre as turmas, para que eu realmente pudesse fazer o que gostava.

Vista a minha paixão pelo esporte, tive um professor chamado Alexandre Cunha, que sempre motivou e elogiou o meu desempenho nos campeonatos. Esse mesmo professor organizou um campeonato na comunidade em que eu morava, e me colocou para jogar no time que ele treinava. Como fui destaque nos jogos, recebi o convite para treinar e fazer parte do time que era a referência do município de São José (SC), na época. Muitos dos profissionais que treinavam o time, eram professores de Educação Física e as conversas, os treinos e a admiração pelo trabalho que realizavam me causaram, cada vez mais, entusiasmo e respeito pela área. Assim sendo, as diversas vivências com as práticas corporais, especialmente o esporte, dentro

¹ O estudo é produto de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no Centro de Ciências da Saúde e do Esporte da Universidade do Estado de Santa Catarina (2020).

e fora da escola, bem como os professores que tive, foram marcantes para a minha escolha profissional (VIEIRA; SANTOS; FERREIRA NETO, 2012).

Após a formatura no Ensino Médio, em 2010, como minha família não tinha condições de pagar uma faculdade, continuei focada nos treinamentos e campeonatos federados. Por conta dessas experiências, a escolha mais acertada parecia ser o curso de bacharelado em Educação Física para atuar com o treinamento no esporte. Entretanto, após passar por dificuldades de reconhecimento no âmbito esportivo, tive que abandonar os treinamentos e buscar emprego. Nessa época tive a oportunidade de trabalhar na área de recreação e lazer, atuando em festas infantis e colônia de férias. O contato com as crianças me fez cogitar outras possibilidades de atuação no âmbito da Educação Física, despertando em mim a vontade de ser docente.

Assim, apesar do meu envolvimento com o universo esportivo, que permaneceu durante o curso, ao pensar na licenciatura em Educação Física, vislumbrava a possibilidade de trabalhar com crianças unindo as experiências e os conhecimentos da formação inicial com as *vivências* que tive, antes mesmo de prestar o vestibular. Como eu não podia somente estudar, durante a graduação comecei a trabalhar no contraturno das aulas na universidade. Consegui um emprego em uma academia especializada no desenvolvimento Infantil, com um método próprio de estruturação de aulas para crianças de 6 semanas até 12 anos de idade. As aulas eram estruturadas e apropriadas para cada idade, incorporando música, dança, acrobacias, jogos, atividades especiais, ginástica, esportes, etc. As aprendizagens obtidas naquele contexto, somadas aos conhecimentos construídos na graduação, particularmente nos estágios obrigatórios, intensificaram o desejo pela docência e, conforme avançava no curso, já conseguia me imaginar professora.

Assim como Freire (1996) salienta, sempre ouvia meus professores dizendo que ninguém nasce professor, mas que aprendemos a ser professor e, aos poucos, fui compreendendo que ser professor é algo complexo, que requer diversas aprendizagens, obtidas na troca de informações com os colegas, na formação continuada, bem como na própria prática, o que implica em uma constante reconstrução dos saberes (BETTI; MIZUKAMI, 1997).

Corroborando esse aspecto, mesmo considerando que o curso de licenciatura tenha me proporcionado conhecimentos e vivências fundamentais para o exercício da docência em Educação Física, algumas disciplinas não apresentam o aprofundamento necessário. Portanto, além das experiências previstas no currículo do curso, sempre procurei participar de cursos, oficinas e palestras, por entender que os conhecimentos necessários para a docência vão além da academia, e que a formação continuada representa um fator essencial de progresso profissional e de construção da identidade do professor (MARTINS; MELLO, 2019).

Embora gostasse de participar das disciplinas práticas e voltadas para os aspectos metodológicos dos esportes, na iminência dos estágios passei a me interessar mais pelas disciplinas de cunho pedagógico, que focalizavam a prática pedagógica da Educação Física escolar. Especificamente em relação à formação para atuar na Educação Infantil, tive disciplinas que auxiliaram, mas também tive que buscar fora do curso, na formação continuada e na própria prática, uma vez que, em sua maioria, as disciplinas estão concentradas nos esportes ou disciplinas das áreas biológicas. Segundo Vieira, Poulsen e Duek (2020), as questões da infância e da criança nos cursos de Educação Física, ficam, em geral, restritas à uma disciplina apenas, indicando a ausência de componentes específicos para o subsídio do trabalho pedagógico com crianças pequenas e/ou muito pequenas e, quando o fazem, tendem a priorizar os aspectos biológicos e/ou motores, desconsiderando as dimensões socioculturais da criança e da infância, dificultando, assim, a formação do professor para atuação na Educação Infantil.

Conforme observado pelas autoras, a grade curricular do meu curso dispõe de uma disciplina específica denominada Educação Física Escolar I destinada a abordar conceitos relativos à infância, à prática pedagógica e ao papel da Educação Física na Educação Infantil. Através dela, pude ampliar meus conhecimentos sobre as práticas corporais e a cultura lúdica infantil, colocando em prática parte dos conhecimentos adquiridos, além de refletir sobre essa etapa educacional como um campo de atuação profissional.

Mas se as disciplinas foram importantes no meu processo formativo, os estágios fo-

ram essenciais para a minha construção como professora e para reafirmar o meu desejo pela docência, possibilitando a aproximação com o cotidiano da profissão, ampliando os saberes adquiridos nas disciplinas, além de construir outros, necessários para o desenvolvimento da prática pedagógica (TARDIF, 2002).

Portanto, as aprendizagens obtidas ao longo do curso se colocaram nessa articulação entre a teoria e a prática, de modo que o Estágio Curricular Supervisionado² representou um momento ímpar de aproximação com o cotidiano da docência e com o fazer pedagógico no contexto escolar. Por meio dos estágios, percebi que a formação e as experiências de prática pedagógica na formação inicial, remetem às dimensões teóricas e práticas da profissão docente, afirmando a importância da teoria, mas que esta deve ser experimentada, vivenciada, para tornar-se prática (REIS; OSTETTO, 2018).

Aprendendo a ser professora

Costuma-se dizer que a primeira vez que passamos por algo na vida é sempre inesquecível, seja pelo lado positivo ou, até mesmo, negativo da experiência vivida. Assim também, o primeiro estágio foi marcante, e é sobre ele que me debruço nesse momento em que busco narrar sobre aquilo que percebo como fundamental em meu processo formativo.

Ao iniciar a disciplina de estágio na Educação Infantil³ sabia que iria enfrentar situações novas e desafiadoras, as quais, pouco a pouco, se revelaram preciosas oportunidades de aprendizagem. Na prática de ensino que desenvolvi no estágio da Educação Infantil, atuei como “professora” pela primeira vez, o que me animou bastante e meu deu a certeza de que queria, de fato, trabalhar na escola.

No estágio me deparei com alguns desafios, consistindo, o principal deles, conhecer e aprender a lidar com as necessidades e as diferenças de cada criança, bem como conhecer os seus contextos sociais, a fim de melhor compreender seus comportamentos, atitudes e participação nas aulas. Os primeiros contatos foram os mais difíceis porque tudo era novo, tanto pra mim na condição de professora-estagiária, quanto para as crianças. Lembro do receio, do medo e do choro das crianças nas primeiras interações e do olhar com expressões de “quem é você”? Nesse momento me perguntava: “será que vai ser assim?”

Mas na medida em que conhecia as crianças e elas a mim, estabelecemos um vínculo pedagógico e afetivo que me fez perceber que o *cuidar* e o *educar* são dimensões indissociáveis da docência na Educação Infantil, sendo necessário, ao professor que atua nesse contexto, conhecer e respeitar os ritmos, interesses, desejos e necessidades das crianças (GASPAR; RICHTER; VAZ, 2015).

Logo percebi que o ensino da Educação Física na Educação Infantil não se constituía em algo simples ou mecânico, indo além da aprendizagem de movimentos ou da aquisição de habilidades motoras específicas. A falta de experiência naquele contexto específico pesou um pouco, assim como a exigência do estágio de sistematizar o que pretendia desenvolver com as crianças em planos de ensino e planos de aula. Para além de mera burocracia, pude compreender a importância do planejamento para a minha prática pedagógica, especialmente nos momentos em que chegava na aula e as crianças não estavam dispostas a fazer as atividades porque estavam com sono, ou, simplesmente, porque o seu interesse estava voltado para algum outro objeto e/ou brincadeira.

Assim, procurei realizar um planejamento que estivesse integrado com a proposta da instituição e com a rotina já existente no grupo, a fim de evitar a dicotomização dos tempos e espaços da Educação Física em relação às demais atividades (GASPAR; RICHTER; VAZ, 2015).

² A Licenciatura em Educação Física da UDESC conta com cinco estágios obrigatórios ao longo do curso: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação Especial, realizados a partir da 5ª fase, em instituições públicas de ensino. Os três primeiros estágios apresentam uma carga horária de 90 horas/aulas e, os dois últimos, 72 horas/aula. Durante estes momentos, o estagiário conta com um(a) professor(a) orientador(a), o qual é vinculado à instituição universitária, e um(a) professor(a) supervisor(a), que acolhe o estagiário no ambiente escolar.

³ O estágio foi realizado em um Núcleo Municipal de Educação Infantil (Neim) localizado na porção continental da cidade de Florianópolis (SC), com um grupo de 20 crianças de 3 anos de idade, no segundo semestre de 2018.

Vale destacar, nesse sentido, que na instituição em que realizei o estágio, os momentos de Educação Física fazem parte da rotina e como o meu estágio, “pegava” o horário da refeição, era preciso considerar isso no momento de planejar as aulas, para não perder o foco e manter as crianças interessadas e envolvidas no que estava sendo proposto.

Nesse processo, pude atuar com uma colega o que foi extremamente significativo, pois nas trocas íamos aprendendo juntas, dirimindo nossas dúvidas e criando soluções para os dilemas que o momento nos impunha. Como trabalhei com um grupo de crianças de três anos de idade, procurei, em cada aula, propor brincadeiras de maneira contextualizada, a partir de uma história que permitisse criar uma situação imaginária, com materiais e espaços que propiciassem um ambiente lúdico para as crianças. Para tanto, utilizei um boneco de pelúcia que virou uma espécie de “mascote” do grupo e, com ele, introduzia várias brincadeiras. Junto com as crianças foi escolhido um nome para o personagem que foi chamado de Pedrinho pelas crianças e passou a fazer parte das nossas aulas. O Pedrinho passava por todas as crianças no início da aula, para que o abraçassem e ao final da aula para que se despedirem, além de auxiliar nos comandos e na demonstração das atividades.

O fato é que as dificuldades relativas aos conflitos entre as crianças, ao choro, ao sono, às disputas por atenção ou brinquedo, foram compensadas pelo prazer e pela aprendizagem oriunda dessa experiência. Se, por um lado, havia dispersão, por outro, havia também a curiosidade das crianças sobre o que estava sendo proposto, a escuta e a expectativa pelo que estava por acontecer. Enquanto estagiária, isso foi muito gratificante, esse retorno e o brilho nos olhos delas que realmente estavam envolvidas.

Algumas dificuldades que encontrei também foram observadas e vivenciadas pelos colegas de estágio, de modo que o compartilhamento de experiências e a troca de saberes me auxiliou a lidar com os desafios a cada aula (VIEIRA; SANTOS; FERREIRA NETO, 2012). Como exemplo, cito a inclusão de crianças com deficiência na Educação Infantil e, por mais que já tenhamos visto algo sobre como trabalhar com esses alunos nas aulas de Educação Física, esse é um conhecimento que fica restrito à uma única disciplina, localizada ao final do curso, o que acaba prejudicando quando vamos para o campo de estágio.

Desse modo, o contato e o diálogo com a professora do grupo, foi extremamente importante, oferecendo suporte e apoio ao longo de todo o estágio (BENITES; SARTI; SOUZA NETO, 2015), assim como em situações mais específicas com as quais não sabia, ao certo, como lidar, como no caso da inclusão de uma criança com deficiência (autismo). Recordo que, em uma das aulas, as crianças estavam fazendo um circuito motor e a criança com autismo não queria participar e estava junto com a professora supervisora. A professora, que estava assistindo a aula, me chamou e me orientou a ir pra perto dela e, através da conversa, tentar ganhar a sua confiança. Aos poucos, a criança foi se abrindo, dizendo que gostava de brincar de herói. Disse que para ser um herói era preciso passar pelos obstáculos. Prontamente me deu a mão e foi fazer o circuito dos “heróis” muito empolgada.

Além das professoras da instituição, durante o estágio, tive o acompanhamento de uma professora da universidade que acolhia as dúvidas e oferecia *feedback* sobre as aulas, auxiliando a pensar e a refletir sobre o ensino desenvolvido, o que se colocou como primordial no meu processo de aprender a ser professora. Esse diálogo e parceria com diferentes profissionais permitiram superar e aprender com as dificuldades percebidas durante o estágio, contribuindo para a minha formação e na construção dos conhecimentos necessários para a futura prática docente.

O estágio trouxe significativas contribuições para o meu saber como futura professora de Educação Física, em que pude, de forma geral, desenvolver a proposta de trabalho elaborada e, simultaneamente, refletir sobre ações e ter a certeza de que estou no caminho certo. Desse modo, fui aprendendo, por meio da prática no estágio, sobre a realidade da Educação Infantil e do trabalho pedagógico com crianças pequenas e muito pequenas⁴, possibilitando uma rica experiência na minha formação acadêmica, que me possibilitou refletir e construir

4 Os termos utilizados consideram a seguinte faixa etária: bebês até 1 ano e 11 meses; crianças bem pequenas – 2 anos e 11 meses a 3 anos e 11 meses; e crianças pequenas – entre 3 anos e 11 meses a 5 anos e 11 meses (FLORIANÓPOLIS, 2012).

novos saberes de como lidar com as diferenças das crianças, de planejar a partir das suas necessidades e interesses (GASPAR; RICHTER; VAZ, 2015).

No decorrer do estágio, descobri um mundo muito enriquecedor na ambiência da Educação Infantil, despertando em mim o desejo de ser professora nesse contexto. Desejo esse, que foi se solidificando em meio as experiências pessoais e profissionais obtidas fora do currículo prescrito, na formação dos saberes do futuro professor e nos aprendizados obtidos a partir das discussões e vivências nas disciplinas e nos estágios curriculares (VIEIRA; SANTOS; FERREIRA NETO, 2012).

Nesse cenário, percebo a importância da parceria entre a universidade e a escola, colocando o futuro professor em contato com o cotidiano da profissão, seja por meio do estágio, seja por meio de outras iniciativas ao longo da formação inicial, permitindo aprender com a prática mas, acima de tudo, com a reflexão sobre a prática, na troca de experiências com os pares, enquanto elementos centrais da aprendizagem e do desenvolvimento profissional (LIMA, 2012; TARDIF, 2002).

De tudo, fica a certeza de que os momentos vividos ao longo da formação inicial, em geral e, dos estágios, em particular, foram de grande significação, de construção e reconstrução de saberes, pois ao iniciar o estágio imaginava que pudesse ensinar, mas, ao ensinar, percebi o quanto me foi possível aprender com essa experiência. E foi assim, no contato com as crianças, no diálogo com os colegas e com as professoras que aprendi o valor de aprender e fui me construindo professora!

De aluna à professora... aprendizagens que ficam!

Ao rememorar a minha história de vida e de formação em Educação Física, percebo que a aprendizagem da docência é algo complexo, implicando em uma série de experiências para além dos bancos acadêmicos, ainda que não prescindam destes. Percebo, também, que a escolha pela docência foi marcada por um conjunto de vivências dentro e fora do ambiente escolar, fortemente influenciada pelas práticas corporais que compõem o universo da Educação Física em suas diferentes manifestações.

Da condição de atleta à condição de (quase!) professora, obtive diversos aprendizados proporcionados por vivências anteriores à entrada no curso de Educação Física, passando pelas disciplinas da formação inicial e pelas experiências de prática pedagógica proporcionadas pelos estágios, contribuindo para o meu amadurecimento pessoal e profissional. Nesse sentido, ao escrever essa narrativa, pude refletir acerca das dimensões teóricas e práticas da profissão, papel do estágio na formação e constituição dos saberes docentes, trocas e apoio dos pares, desafios e dificuldades da prática pedagógica na Educação Infantil, dentre outros.

Pude perceber, também, de forma mais significativa, a maneira pela qual me tornei professora, influenciada por um conjunto de conhecimentos e de experiências adquiridos durante a vida e a formação inicial, que se misturam e se reapresentam no meu modo de ensinar e viver o cotidiano da profissão. Um cotidiano que, por vezes, se fez desafiador, devido, dentre outros aspectos, à falta de experiência e às insuficiências percebidas no currículo da formação em Educação Física relativos à prática pedagógica na Educação Infantil.

Por esse sentimento, acredito que, por mais que a matriz curricular do curso de licenciatura em Educação Física tenha sofrido alterações nas últimas décadas, visando acompanhar as transformações da sociedade, conteúdos relativos à docência na Educação Infantil, ainda são questões em aberto.

Nesse contexto, o Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil mostrou-se fundamental para a construção dos saberes docentes e para a articulação entre teoria e prática no contexto da formação inicial. Nesse sentido, considero que as aprendizagens ocorridas por via experiencial, advindas, sobretudo, por meio da vivência dos estágios, foram fundamentais em minha formação, ao possibilitar o contato com a realidade educacional e o cotidiano da docência.

Por fim, destaco que uma história de vida não se constrói sozinha, mas em interação com a família, colegas, professores, alunos e evolui a partir de determinadas condições de formação e de trabalho. Além disso, destaco que para ser professora, é preciso se colocar na

condição de aluna, em que ser docente implica aprender constantemente a própria profissão.

Ao compreender, assim como afirmam Betti e Mizukami (1997), que uma história de vida é sempre única e singular, ao mesmo tempo em que apresenta aspectos comuns à outras trajetórias, espero que este trabalho possa servir de exemplo para outros professores em exercício e/ou em formação, motivando-os a relatar suas histórias de vida e de formação, de modo a refletir e aprender com elas.

Referências

BETTI, I. R.; MIZUKAMI, M. G. N. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 2, p. 108-115, dez., 1997.

BENITES, L. C.; SARTI, F. M.; SOUZA NETO, S. De mestres de ensino a formadores de campo no estágio supervisionado. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45 n. 155, p.100-117, jan./mar., 2015.

FIGUEIREDO, Z. C.; PLOTTEGHER, A. T.; ALVES, C. A. Experiências formadoras da docência em educação física: estudo das trajetórias dos discentes. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, p. 1-13, 2019.

FLORIANÓPOLIS. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil Municipal**. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPAR, B. S.; RICHTER, A. C.; VAZ, A. F. Das práticas pedagógicas para a Educação Física Infantil de 0 a 3 anos no município de Florianópolis. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 231-251, jan./abr., 2015.

GONÇALVES, D.; RICHTER, A. C.; BASSANI, J. J. História(s) da docência na Educação Física da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 362-370, out./dez., 2017.

LIMA, M. S. L. **Estágio e aprendizagem da profissão docência**. Brasília: LiberLivro, 2012. (Coleção Formar).

MARTINS, R. L. D.; MELLO, A. S. Perfil profissional dos professores de educação física que atuam na educação infantil pública das capitais brasileiras. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 15, p. 160-172, out., 2019.

MELLO, A. S. et. al., Educação Física na Educação Infantil: produção de saberes no cotidiano escolar. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 467-484, abr./jun., 2014.

MOLINA, R. K., MOLINA NETO, V. Pesquisar a escola com narrativas docentes e grupo de discussão. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 402-413, 2012.

NÚÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L. Profissionalização da docência: um olhar a partir da representação de professoras do ensino fundamental. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, n. 46, v. 9, p. 1-13, set., 2008.

RAMALHO, B.; NUÑEZ, I., y GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

REIS, G. A. S. V.; OSTETTO, L. E. Compartilhar, estudar, ampliar olhares: narrativas docentes sobre formação continuada. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, ago., 2018.

RODRIGUES, R. M; FIGUEIREDO, Z. C. Construção identitária da professora de Educação Física em uma instituição de Educação Infantil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 65-81, out./dez., 2011.

SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 141-165, abr./jun., 2009.

SILVA et. al., Carreira docente em Educação Física: história de vida de uma professora emérita. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 199-214, jan./mar., 2018.

SILVA, L. O. E.; DIEHL, V. R. O.; MOLINA NETO, V. Narrativa escrita: relacionando a produção de conhecimento e a formação docente. In: IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2010, São Paulo. **Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica: Espaço (Auto) Biográfico: Artes de Viver, Conhecer e Formar**. São Paulo: FEUSP; BIOGRAPH, 2010. p. 01-11.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 1-39, jan./abr., 2006.

SOUZA, E. C. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão-narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago., 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIEIRA, A. O.; SANTOS, W.; FERREIRA NETO, A. Tempos de escola: narrativas da formação discente ao ofício docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 119-139, jul./set., 2012.

VIEIRA, C. L. N. **Memória, esporte e formação docente em educação física**. Florianópolis. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências de Educação da UFSC, 2007.

VIEIRA, K.; POULSEN, F.; DUEK, V. P. Aspectos curriculares da formação em Educação Física. **Zero a Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 41, p. 107-124, jan./jul., 2020.

WITTIZORECHI, E. S. et. al. Pesquisar exige interrogar-se: A narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 09-33, maio/ago., 2006.

Recebido em 21 de outubro de 2020.

Aceito em 10 de agosto de 2021.